

(Re)fazer corpo. Com quem? Performance, fragilidade e devir-com as águas

(Re)make body. With whom? Performance, fragility and becoming-with the waters

GIOVANNE FACCIO

Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP - Brasil

RESUMO

Este artigo investiga uma prática de performance situada como forma de envolvimento entre corpo e águas, articulando a experiência incorporada à formulação teórica por meio de uma escrita cartográfica e performativa. A partir do cruzamento entre as perspectivas de Paul B. Preciado e Jota Mombaça, delinea-se uma leitura dos regimes biopolíticos do corpo. Em diálogo com Donna Haraway e Deleuze e Guattari, o texto reflete sobre as possibilidades de (re)fazer corpo a partir das noções de devir-com e Corpo-sem-Órgãos propondo o corpo em superfície de passagem e vazão para vida.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo, águas, performance, fragilidade, devir-com

ABSTRACT

This paper investigates situated performance practice as a form of involvement between the body and the waters, articulating embodied experience with theoretical formulation through cartographic and performative writing. Drawing on the intersection of perspectives from Paul B. Preciado and Jota Mombaça, it outlines a critical overview of the biopolitical regimes of the body. In dialogue with Donna Haraway and Deleuze and Guattari, the text reflects on the possibilities of (re)make body through the notions of *becoming-with* and the *Body without Organs*, proposing the body as a surface of passage and flow for life.

KEYWORDS

Body, water, performance, fragility, becoming-with

1. Molhando os pés, puxando linhas

Este texto é uma linha processual: é tentativa de acompanhamento de um processo que se presentificou em vida e segue seu processo de envolvimento ressoando numa espécie de elaboração do pensamento - que primeiro foi corpo, verteu-se em ideia e agora metamorfoseia-se em letras e linguagem. A linha aqui puxada embola-se em outras, que se entrelaçam em rede e manifestam a perspectiva ética do modelo cartográfico e da escrita performativa utilizadas para registrar o envolvimento entre um corpo e o corpo das águas engendrado durante uma prática em performance situada em um espaço natural.

Essa linha processual, contudo, não segue uma ordem cronológica dos fatos: ela - ou elas - estão evocadas a partir do gesto da escrita, convocando as forças que por ela insistem em passar. Passagem. Este texto, na fricção entre experiência e

linguagem, entre o vivido e sua tentativa de elaboração, busca se aproximar da ideia do corpo como superfície de passagem e fruição da vida em contraponto aos regimes biopolíticos que cerceiam o corpo. Partindo da dificuldade em iniciar esta cartografia dos envolvimento experienciados, este texto se inicia a partir desta mesma dificuldade. Uma linha se manifesta.

A partir de Paul Preciado e Jota Mombaça delimitam-se algumas ideias sobre os regimes biopolíticos citados a partir de contra-narrativas gênero e sexo dissidentes. Em um segundo momento, molha-se o corpo todo ao adentrar no terreno da prática em performance situada em um espaço natural a partir do qual as formulações poético-teóricas deste artigo se ensejam, vertendo imagens e uma narração sobre o acontecimento situado. Por fim, tateia-se, a partir de Donna Haraway e Deleuze & Guattari, as perspectivas que se fizeram corpo no envolvimento entre corpo, água e pensamento. Outras linhas se manifestam.

Mais do que descrever a experiência ou fixar sua verdade, esse texto busca tatear as forças que dela irrompem registrando e evocando as imagens que dela nascem. “Trata-se sempre de liberar a vida onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (Deleuze e Guattari, 1992, p.222). E os pés já estão imersos em água. Para dar passagem. Para dar vazão.

2. Entre a coragem e a fragilidade: regimes biopolíticos do corpo

Escrever este texto vem sendo mais difícil do que o imaginado. Não é como se com passar dos dias as palavras não fossem se aglutinando na minha consciência. Mas este fluxo de aglutinação, dessa vez em *pixels* negros que se inundarão neste mar de *pixels* brancos uma outra versão daquele corpo que eu carrego ainda aqui e agora, vem sendo mais difícil que o imaginado. As palavras que se aglutinaram e foram se represando parecem ter desaprendido o curso natural do fluxo e relutam para inundar aquilo que agora escrevo.

Para desobstruir a passagem e abrir a fenda para que a passagem das palavras, da água e da vida aconteça, eu persisto em escrever e tentar elaborar. Talvez este seja uma espécie de contorno. Algo que delimite ou informe, ainda que de forma frágil, a fragilidade com a qual me deparei durante uma prática em performance situada em espaços naturais realizada nos marcos da disciplina Tópicos Especiais em Filosofia e Estética, conduzida com generosidade pela prof^a. Dr^a.

Christina Fornaciari¹, dentro do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto.

Na crônica A Coragem de ser Você Mesmo, de Paul B. Preciado, publicada originalmente em 2014, mas republicada em 2020 em sua coletânea de crônicas Um Apartamento em Urano - Crônicas da Travessia (2020), o filósofo espanhol se dirige a cisheteronormatividade, tateando os modos como coragem e fragilidade vão operar nos limites da vida, enunciando os mecanismos de apreensão da mesma. Para o filósofo,

Para falar de sexo, de gênero e de sexualidade é preciso começar com um ato de ruptura epistemológica, uma condenação categórica, uma quebra na coluna conceitual que permita uma primeira emancipação cognitiva [...] O sexo e a sexualidade não são propriedades essenciais do sujeito, mas antes o produto de diversas tecnologias sociais e discursivas, de práticas políticas de gestão da verdade e da vida. São o produto da coragem de vocês. (Preciado, 2020, p. 141).

Preciado convoca, deste modo, uma espécie de vazão possível frente aos regimes biopolíticos que cerceiam a vida. A ruptura epistemológica que o filósofo reivindica é, sobretudo, a possibilidade de (re)fazer corpo e a vida a partir de outras linhas discursivas que explicitem os “processos culturais, políticos e tecnológicos por meio dos quais o corpo, enquanto artefato, adquire um status natural” (Preciado, 2018. p. 38). Neste momento, podemos nos perguntar: (re)fazer corpo e a vida a partir do que?

A denúncia de Preciado é contundente. Ela contorna os modos como a coragem se ergue a partir das ficções que categorizam e domesticam o corpo, a vida e o desejo, operadas pela cisheteronormatividade. Estas noções, que partem desde as dimensões político-anatômicas dos corpos, percorrem travessias político-culturais até as postulações identitárias e subjetivas desses mesmos corpos. Ao cerne, a denúncia de Preciado recai sobre uma espécie de cadeia de produção e reprodução dos regimes biopolíticos do corpo evidenciando os dispositivos que o produzem como um artefato político-tecnológico de manutenção da vida. “A coragem, como a violência e o silêncio, como a força e a ordem” (Preciado, 2020. p. 141).

Atravessando o Atlântico e pousando no sul do sul global latino-americano, as formulações poético-teóricas da artista e filósofa Jota Mombaça, ainda que alguns

¹ Christina Gontijo Fornaciari é professora adjunta no curso de Dança na UFV - Universidade Federal de Viçosa e professora colaboradora no PPPGAC-UFOP. É pós-doutora em Artes pela UFMG em cotutela com o Departamento de Estudos da Performance da New York University.

pontos se distanciem de Preciado, fazem corpo com as formulações do filósofo. Em seu ensaio “na quebra. Juntas”, contido no livro Não Vão Nos Matar Agora (2021), Mombaça se aproxima da ideia de quebra. A autora inicia sua travessia rumo a uma possível definição de sua ideia partindo de um encontro em que foi questionada sobre um “sentido muito forte de si mesma para simplesmente sair dessa maneira no mundo” (Mombaça, 2021. p. 21). O que se questiona neste encontro me parece, justamente, a ideia de coragem. A coragem de se existir no mundo afirmando as potencialidades gênero-sexo-dissidentes. Todavia, em sua retórica ao questionamento, Mombaça enuncia o contrário: “é preciso ter de si um sentido muito quebrado para simplesmente sair dessa maneira no mundo” (Mombaça, 2021. p. 21).

Ao falar sobre o sentido quebrado de si mesmo que inicia o desmonte que a autora mobiliza frente aos modelos instituídos e legitimados de existência engendrados pela cisheteronormatividade enquanto regime biopolítico do corpo, Mombaça anuncia a fragilidade daquelas pessoas que se situam “às margens do grande nós universal (humano, branco, cisgênero e heteronormativo) a partir do qual se formula e engendra um certo projeto de sujeito e identidade” (Mombaça, 2021. p. 22). A fragilidade pode ser então tateada não como o contrário de coragem, mas algo que se presentifica como potência de vida, como uma prática de existência que se contrapõe às normas e as instituições que legitimam e cerceiam o corpo e a vida. A fragilidade como um convite e um operador de potencialização da existência.

Neste sentido, como experienciar processos de envolvimento capazes de desarticular os regimes biopolíticos do corpo? Quais forças convocam as fragilidades para serem vividas em potência absoluta como falhas produtivas de outros modos de existências, outros modos de percepção da vida?



Figura 1². - Pedras no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

3. Para dar vazão: prática em Performance situada

Numa sexta-feira ensolarada em meados de outubro de 2025 nos reunimos para visitar o Parque Nacional Municipal das Andorinhas, área de preservação natural onde a Mata Atlântica e o Cerrado se encontram, na cidade de Ouro Preto. O parque conta com diversas quedas d'água, todas elas nutridas pelas águas cristalinas do Rio das Velhas, afluente do Rio São Francisco. A visita era, na verdade, um convite. Fazer corpo com as águas, mobilizando as leituras da disciplina, sobretudo a leitura de Donna Haraway, em uma prática em performance situada e, para isso, foi solicitado que levássemos objetos para interagir com o espaço.

² #paratodomundover: A figura apresenta uma imagem chapada sem tridimensionalidade de uma parede de pedras rústicas em tom acinzentado e marrom. É possível observar as ranhuras no corpo das pedras. Estas ranhuras provocam uma espécie de textura que, a um só tempo, apresenta a fragmentação e os processos de prolongamento que co-existem nestas pedras. O quadrante superior esquerda é mais escuro do que o restante da imagem e criam a sensação de temporalidade destas pedras, sendo as mais escuras, mais antigas e mais desgastadas ao longo dos tempos. É possível observar, também neste quadrante, círculos disformes em um tom mais claro. São fungos e estes nos apresentam a dimensão de um corpo dentro de outro corpo. Pedra que envelhece e se desgasta fazendo corpo com o corpo fúngico.



Figura 2³. - Pedras, musgo e lama no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

Depois de muito pensar em qual objeto levaria, me percebi relutante. Nenhum objeto parecia encaixar. Nenhum objeto vibrava. Nenhum objeto me parecia fazer corpo com as inquietações informes e sem nome que habitavam meu corpo naquele momento. E nenhum objeto levei. Ao passo que adentrávamos ao parque, o som das águas fazia-se mais presente e produzia uma espécie de sussurro encantatório, um convite à escuta dos fluxos e refluxos da correnteza que se presentificava no espaço e dentro de cada corpo ali caracterizado enquanto humano. Sinergia y simbiose⁴ da vazão de tudo aquilo que se represa, se condiciona e que insistentemente busca

³ #paratodomundover: A imagem apresenta um espaço onde pedra, barro e musgos se entrelaçam. O quadrante superior esquerdo é mais escuro e apresenta a fronteira entre uma grande massa de pedra revestida de musgos e o barro encarnado no chão; neste quadrante, inicia-se uma espécie de arco que segue no quadrante superior direito até finalizar no quadrante inferior direito, dando a tridimensionalidade dos níveis do espaço. Os quadrantes superior e inferior direito apresentam o corpo da pedra revestida por um musgo verde claro. Os musgos se apresentam como pequenos corpos vegetais que formam uma espécie de tapete nesta grande pedra e provocam uma textura específica. As pedras, tradicionalmente lidas como superfícies duras, quando revestidas pelos musgos ganham uma textura macia. Já o quadrante inferior esquerdo apresenta o chão deste espaço onde pedra, musgo e lama se encontram e co-habitam. As pedras neste quadrante são muito menores do que o grande corpo de pedra dos outros quadrantes. Algumas são revestidas de musgo, outras revestidas de barro seco. A fronteira entre o corpo de pedra e o chão do espaço é mais úmido.

⁴ A palavra “y” é utilizada na língua espanhola da mesma forma que a “e” é utilizado na língua portuguesa. Ambas funcionam como uma conjunção aditiva. Todavia, na língua guarani, a palavra-fonema “y” possui um outro significado: água. Deste modo, poeticamente neste ensaio, por vezes se utilizará “y” como uma grafia para conexão que se dá através da água. Politicamente, essa escolha reflete a necessidade de subverter as dinâmicas que estruturam as cognições a partir das línguas e linguagens. Estar em contato. Mundificar a língua.

passagem para devir uma outra coisa. Água que é rio, verte-se em cachoeira. Corpo que se verte em outro corpo a partir do envolvimento.

Mobilizado pelas dinâmicas fluídas das águas, pelos saberes entalhados nas pedras revestidas por musgos deslizantes experimentei minha prática. Com o auxílio de Yana Marques⁵, pesquisadora do PPGAC - UFOP, tomei um banho nu naquelas gélidas águas, testemunhado pela presença de uma câmera de celular que captou, em vídeo, a experimentação. O corpo de uma bicha gorda anda em direção a uma pequena cascata. A fenda do rabo peludo move-se acompanhando o movimento da coluna. Uma serpente. O corpo esgueira-se por uma fresta y adentra a um domínio quase privado onde banha-se. A água corre y desorienta os sentidos. Reorienta os fluxos. Envolve.

O envolvimento produzido a partir do encontro com aquelas águas reverbera em processo de investigação do corpo que se articula na contramão daquelas investigações efetuadas a partir de jalecos, microscópios e dissecações que ficcionalizam a normalidade do corpo enquanto regime biopolítico da verdade ou, em outras palavras, “as doutrinas ideológicas da objetividade científica descorporificada” (Haraway, 1995, p.9).

A investigação aqui produzida em envolvimento com às águas se aproxima do que a zoóloga e filósofa Donna Haraway vai tatear como conhecimento situado. A autora sustenta sua perspectiva acerca de um conhecimento que se gesta a partir da parcialidade: todo conhecimento é gestado a partir de um território, seja ele geográfico, subjetivo, de gênero, classe, sexualidade, corporal ou infinitos outros territórios. Para a Haraway, a recusa em explicitar estes territórios no discurso científico e no modo de produzir ciência marca o projeto colonial das ciências ocidentais.

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo (Haraway, 1995, p.30).

⁵ Mestranda em Artes Cênicas na linha de pesquisa Processos e Poéticas da Cena Contemporânea, é graduada em Educação Física - UFOP. Pesquisa as relações entre somática e yoga no treinamento para o ator-performer.

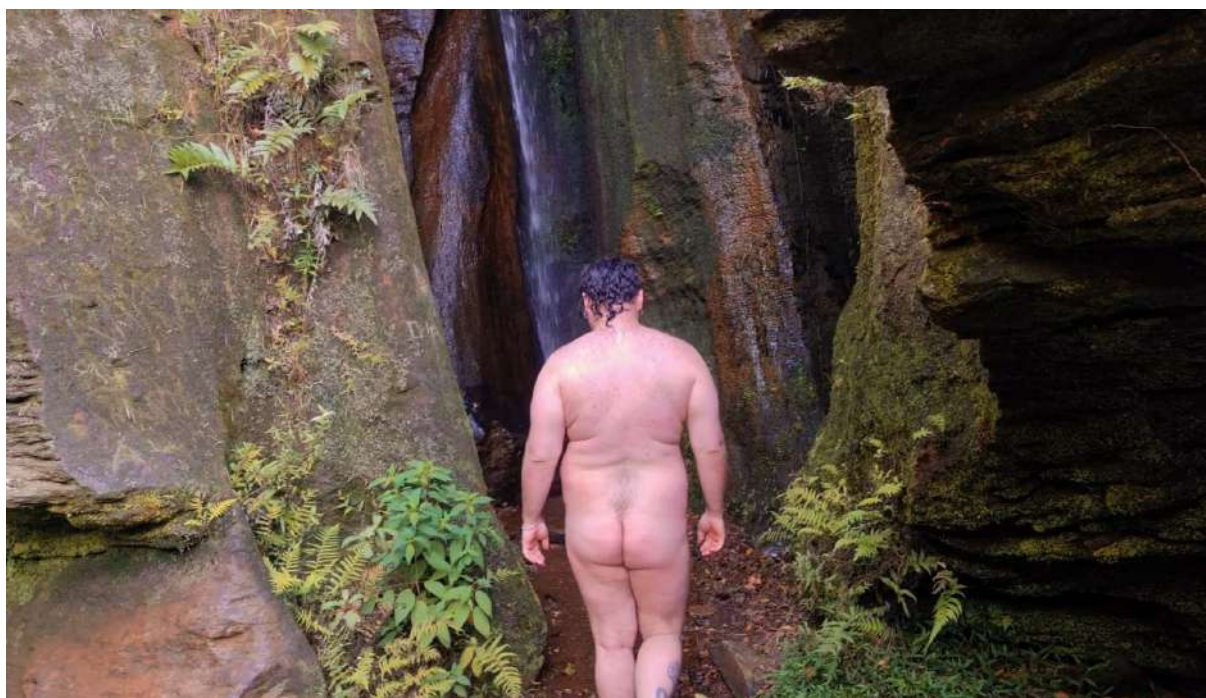


Figura 3⁶. - Prática em Performance situada no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

Os saberes que se entalharam naquelas pedras por milhares de anos se envolvem y fazem corpo com as inquietações que povoam um corpo gordo que desafia o status natural produzindo novas redes de afetação situadas naquele espaço-tempo efêmero de um banho de cachoeira. Tanto Preciado quanto Haraway, companhias que fazem corpo com as palavras aqui escritas, reivindicam, cada qual a seu modo, um processo de pluralização epistemológica situada em que “o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso” (Haraway, 1995, p. 36).

⁶ #paratodomundover: A descrição desta imagem será feita tendo princípio norteador a divisão da imagem em três momentos que compreendem a área esquerda, direita e central da imagem. A imagem apresenta um espaço habitado por muitos corpos e corporalidades. Na área esquerda vemos um grande corpo de pedra em um tom cinza-esverdeado quase marrom. É possível observar as pequenas ranhuras na pedra. Vegetações brotam e se esgueiram deste corpo imóvel e duro. Algumas vegetações tem um tom esverdeado claro, outras esverdeado amarelado, revelando as dimensões temporais presentes nesta imagem. Ao centro da imagem, um corpo humano caucasiano caminha por um caminho marrom entre as pedras. O corpo humano é gordo e está nu, com os dois braços posicionados ao longo do corpo. É possível ver as dobras deste corpo. Vemos sua cabeça, costas, nádegas e pernas até pouco abaixo dos joelhos.. Ao fim do caminho, uma pequena cascata por onde escorre um corpo de água que cai de um corpo de pedra. A área direita da imagem apresenta um corpo de pedra que conformam o caminho. Este corpo é ligeiramente mais escuro que os demais, revelando as dinâmicas de luz y sombra do espaço.

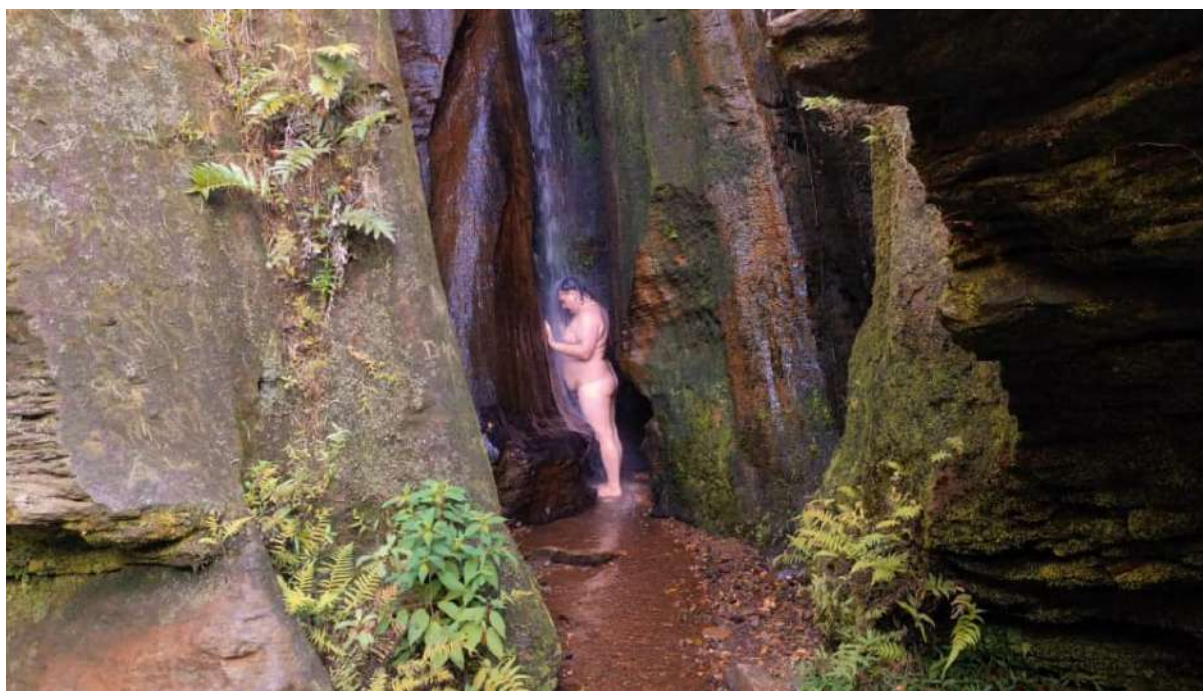


Figura 4⁷. - Prática em Performance situada no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

Após o banho, o corpo sai da cascata e caminha em direção a câmera com olhos fixos. A frontalidade reanuncia os discursos ora presentificados na imagem. Não apenas o corpo de uma bicha gorda, mas um corpo que carrega em si as marcas de uma genética desviante possivelmente patologizada pelo discurso político-biológico e sua política corponormativa. Um corpo desautorizado que imageticamente autoriza um discurso sobre si. Um corpo que, envolvido y fazendo corpo junto às águas, reivindica, também, seu status natural. Se algumas páginas atrás, perguntamo-nos sobre a partir do que podemos (re)fazer corpo y a vida, agora nos perguntamos: (re)fazer corpo y a vida com quem? Quais alianças potencializam a potência da vida?

⁷ #paratodomundover: A imagem apresenta os mesmos corpos e espacialidades descritos na figura 3. Agora, o corpo humano que caminhava é observado desde sua lateralidade e banha-se no corpo de água que cai em sua cabeça, percorrendo toda a extensão de seu corpo. Os braços estão levantados na altura do peito e as mãos encostam no corpo de pedra, como se pudesse sentir os rastros e ecos que ali habitam. Os corpos, agora, formam um grande corpo.

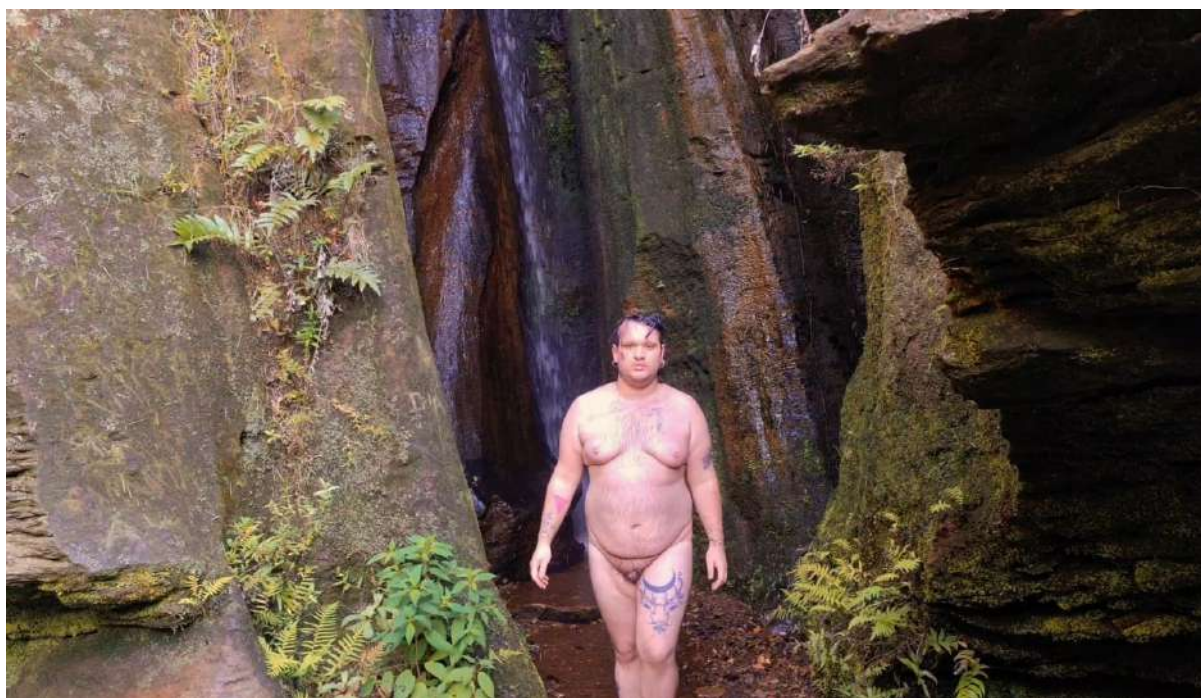


Figura 5⁸. - Prática em Performance situada no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

Em um contexto de emergência climática e crise epistemológica onde esta “coisa-espaco-tempo-global chamada Antropoceno” (Haraway 2023, p.89) direciona nossos olhares y nossas práticas em direção àquilo que produz mais produção, Haraway, em seu livro “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno” (2023), explicita diversas vezes um dos paradigmas essenciais para o povoamento destes processos de envolvimento capazes de (re)fazer corpos y a vida. Para Haraway, “importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundos mundificam mundos” (Haraway, 2023, p. 69). Importa quais corpos corporificam corpos.

Em um contexto de prática em performance situada, fazer corpo com o corpo das águas. Suprimir o que se quer fazer ou o que se deseja promover em ação para expandir as possibilidades de acontecimento em envolvimento com outras forças. Neste contexto, não levar objeto algum para a prática exigiu uma atenção maior aquele espaço para escutar o que, no entre-pedras, se enunciava como possibilidade de reconstrução da vida e do corpo. Estar presente, de forma radical, como

⁸ #paratodomundover: A imagem apresenta os mesmos corpos e espacialidades descritos na figura 3. Agora, o corpo humano caminha frontalmente, mirando a câmera. Um corpo onde elementos tidos como masculino e feminino se entrecruzam. Um corpo gordo, com grandes peitos peludos e uma genitália desviante. Molhado. Úmido. Poroso. Em vazão.

“engajamento encarnado” (Taylor, 2025, p. 20), engajamento que se produz com o corpo inteiro, como possibilidade de elaboração de um discurso corporificado a partir do envolvimento com as águas. Um corpo faz corpo com outros corpos ou “a abertura para uma ecologia de intimidades interespecíficas e proposições sutis” (Hustak e Myers apud Haraway, 2023, p.136).

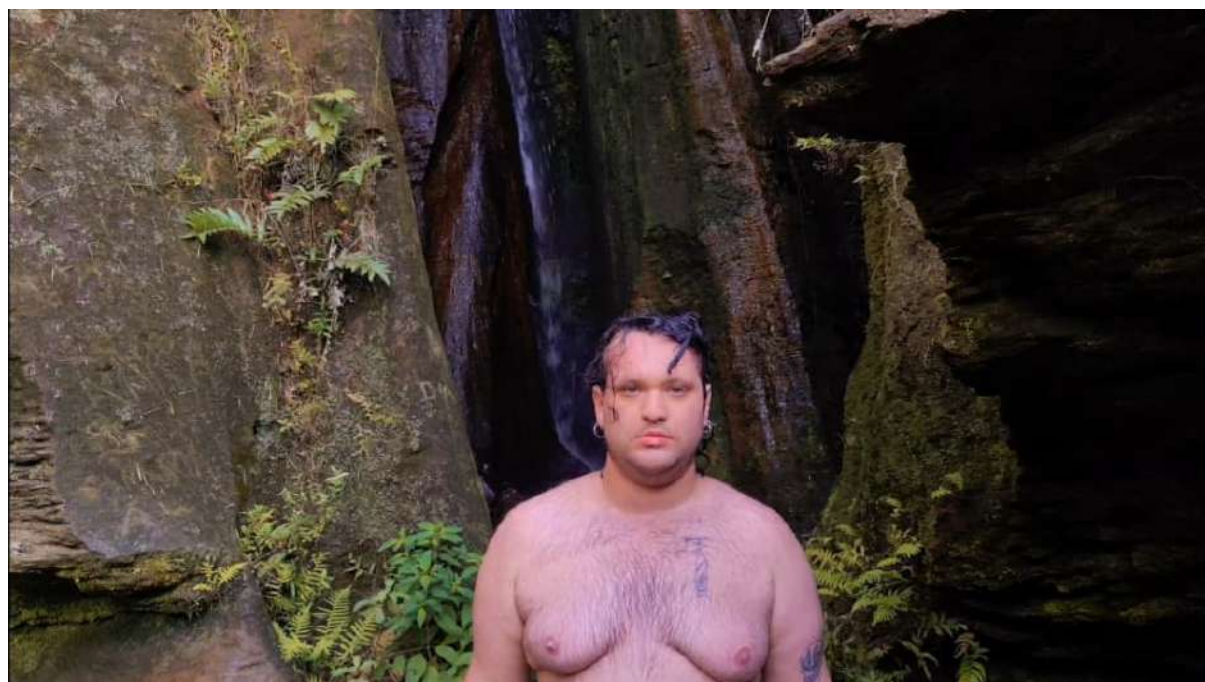


Figura 6⁹ - Prática em Performance situada no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

A filósofa estadunidense Donna Haraway frequentemente pensa as dinâmicas do Mundo y das Ciências a partir de uma perspectiva abolicionista das fronteiras entre as ciências, forjando um novo paradigma para pensar a dinâmica das relações que constituem o mundo. A partir de Haraway, fazer corpo com o corpo das águas desloca as águas de um regime de objeto y reinscreve-a como agente de mundificação fabulatória em uma relação multiespécie. Ao efetivar esse deslocamento, a prática em performance situada mobiliza e faz corpo com as proposições de Preciado, Mombaça e Haraway ao pensar o status natural do mundo e do corpo como fabulações (bio)políticas.

Preciado, com sua dura crítica aos modelos político-biológicos, nos apresenta os modos como o corpo contemporâneo se encontra capturado por forças que

⁹ #paratodomundover: O corpo humano que caminhava agora se apresenta muito próximo da câmera centralizado no quadro. Ao fundo, o espaço das imagens anteriores com suas pedras e água ecoa. Observa-se com nitidez os contornos de seu peito peludo. Em seu braço direito há uma tatuagem de caveira. Acima de seu seio direito, uma tatuagem de morcego.

discursivamente o enquadram dentro de uma naturalidade fabricada. Mombaça, com sua poética-política de estar e existir no mundo, nos brinda com as formulações de um corpo quebrado que vaza fragilidade como força produtora de si e do mundo. Haraway, com sua atenção especial aos modos de produzir ciência y sua afecção pelas espécies mais-que-humanas, nos brinda com a possibilidade de pensar o mundo e os elementos nele contido não como cenários, mas, sim, como produtores de agenciamentos possíveis.

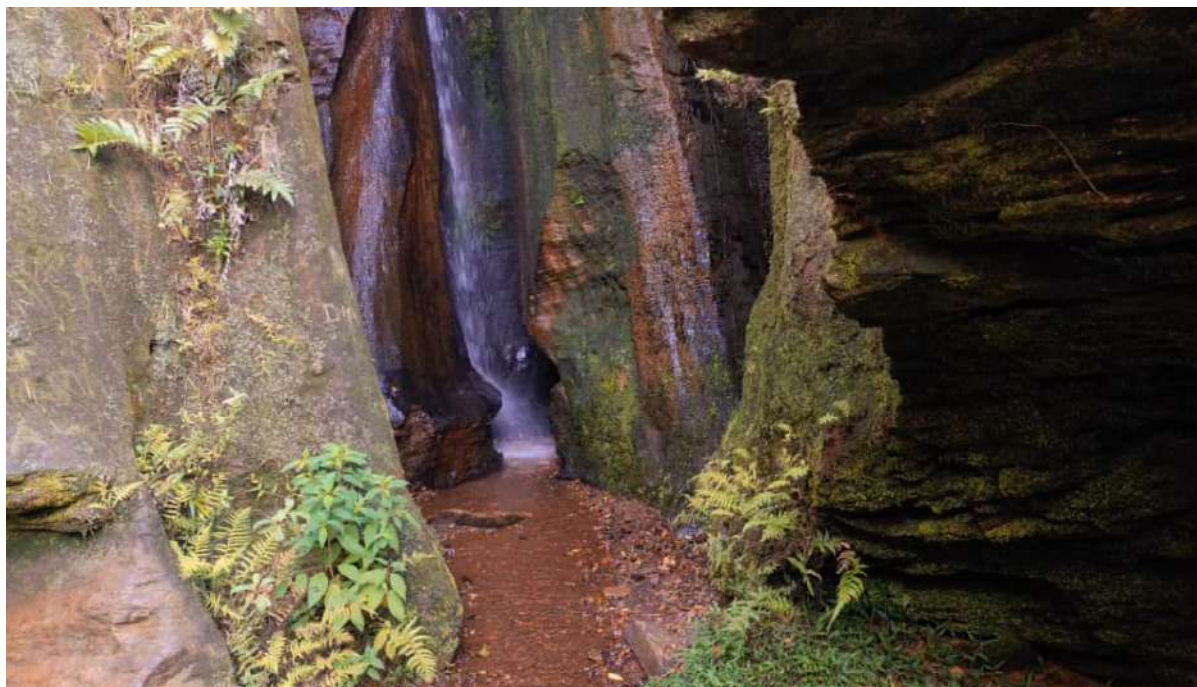


Figura 6¹⁰. - Mundo que mundifica mundos no Parque Natural Municipal das Andorinhas. Fonte: do autor.

4.O corpo como superfície de passagem

Moldar responsabilidades, coisas e seres vivos pode se dar tanto dentro quanto fora dos corpos humanos e não humanos, em diferentes escalas de tempo e de espaço. Em conjunto, os participantes provocam, evocam e convocam o que - e quem - existe. Juntos, devir-com e tornar-capaz inventam um nicho de *n* dimensões e seus habitantes. O resultado é comumente chamado de natureza (Haraway, 2023, p. 35).

O movimento de desnudar-se y (re)fazer corpo com o corpo das águas possibilitou habitar a fragilidade do corpo perante os regimes biopolíticos que o cerceiam e, com isso, ver-se frágil perante a misteriosa manifestação da vida que

¹⁰ #paratodomundover: O espaço das imagens anteriores agora apresenta-se sem o corpo humano. Os corpos de pedra, musgo, água e lama ecoam os rastros da passagem. Silêncio.

vaza por entre pedras y musgos. A prática em performance situada possibilitou, ainda que num espaço-tempo efêmero, redefinir as políticas do corpo e fabular paralelos. Em consonância com Haraway, devir-com a fragilidade, as águas e as pedras em direção a um “corpo sem órgãos”. Suspender a organização biopolítica do corpo. Abandonar a domesticação. Criar outros usos, fluxos e circuitos para o corpo. Abandonar a patologização. Desorganizar as fronteiras do corpo pela ação da água. Integrar o corpo a outros ritmos. Desobedecer a programação.

Os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari tateiam a dimensão do “corpo sem órgãos” como “não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas” (Deleuze e Guattari, 2004, p.8). A prática em performance situada presentifica e experimenta a figura do CsO¹¹ a partir de um conjunto de práticas. Entrando nu na cachoeira, estando em contato com as pedras y a água gelada que desfaz o organismo organizado como forma de desorganizar as fronteiras e desfazer os usos sociais e políticos dos órgãos. “O CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (Deleuze e Guattari, 2004, p.11).

Abrir-se para um fluxo que se aproxima do que Preciado nomeia fragilidade, do que Mombaça indaga como a quebra. Entre águas, pedras, musgos y corpo, aquilo que Haraway nomeia como fabulação multiespécie: um corpo que se faz corpo por corporificar junto a outro corpo. Desorganizar o corpo como forma de experimentar um CsO situado, ecológico e dissidente. Não para definir, sustentar ou reivindicar a identidade, mas para experimentar o corpo como superfície de passagem e vazão da vida.

A prática em performance situada possibilitou uma suspensão momentânea: a intensa descarga energética y sensorial que as águas geladas provocaram ao entrar em contato com o topo da cabeça deságua uma espécie de anulação do tempo e dos regimes biopolíticos inscritos nele. Durante aquele período, todas as noções de corpo, normativas ou não, se suspendem. A organização da vida em estratos identitários que dizem - ou não - a verdade sobre um corpo perde sua força enquanto produtora da vida. Reatualizando Deleuze e Guattari, o que restou quando tudo foi retirado, é a dinâmica viva do devir-com as águas.

¹¹ “CsO” é a forma academicamente convencionada de abreviação da ideia de “Corpo-sem-Órgãos”.

Propor-se a práticas que desarticulam os agenciamentos que edificam as noções de verdade sobre o corpo é, sobretudo, operar a fragilidade como falha produtiva para (re)fazer corpo. O que se desorganiza então, não é a existência, mas a captura. Nesse sentido, Preciado enuncia:

Desejo que lhes falte força para repetir a norma, que não tenham energia para continuar fabricando identidade, que percam a determinação de continuar acreditando que seus papéis dizem a verdade sobre vocês. E quando tiverem perdido toda a coragem, loucos de covardia, desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. É por amá-los demais que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade. (Preciado, 2020. p. 142).

5. Deixando molhar

Ao experienciar uma prática em performance situada como prática de envolvimento do corpo com as águas para (re)fazer corpo, este ensaio não pretende apresentar nenhum método ou modelo mas evidenciar os modos como política e poética se entrecruzam em rede quando o corpo verte-se em superfície de passagem para as forças da vida. Entre fragilidades e devir-com, entre regimes biopolíticos e fabulações multiespécie, a prática mostrou que uma possibilidade para se (re)fazer corpo pode se engendrar mais como prática relacional, ecológica e situada do que uma reivindicação individual da identidade. (Re)fazer corpo é se deparar com quem ele se faz ou com quem ele pode se (re)fazer, quais forças o atravessam, quais imagens dele nascem, quais alianças os põem de pé. Enquanto a norma organiza o corpo, o envolvimento desestabiliza e cria novos circuitos de vazão para que uma e mais outras mundificações possam ocorrer e o corpo mantenha-se em estado de fenda, molhado e atravessado pela vida.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 28 de Novembro de 1974 – como criar para si um corpo sem órgãos (1980). In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. v. 3, p. 9-29.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 7-41, maio 1995.

MOMBAÇA, Jota. **Não Vão Nos Matar Agora**. São Paulo: Cobogó, 2021.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2009.

PRECIADO, Paul B.. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B.. **Um Apartamento em Urano**: crônicas da travessia. São Paulo: Zahar, 2020.

TAYLOR, Diana. **PRESENTE! a política da presença**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2025.

Sobre o autor

Giovane Faccio é mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras pela Universidade Federal da Integração Latino-americana. É performer-pesquisador no Anticorpos - Núcleo de Investigações em Dança (MG) e comunicador no Poéticas do ENTRE (PR). Investiga as fricções entre o botão e as poéticas da dissidência, corporalidades ciborgue, reorganização do corpo e as relações entre corpo, imagem e palavra em processos de criação.

giovannefaccio@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4502502728751024>

<https://orcid.org/0009-0009-5035-4257>

Recebido em: 25-02-2026. Artigo avaliado por pares em duplo-cego e revisado editorialmente

Como citar

FACCIO, Giovane. (Re)fazer corpo. Com quem? Performance, fragilidade e devir-com as águas. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.103 – 117, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-81539>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.